

Dia do Gil |Relatório de 2013

O Dia do Gil não tem feriados – porque uma criança internada não sabe o que é isso | **9 anos** mais tarde mantém-se regular **em 20 núcleos** | **Em 2013** realizaram-se **990 acções**, nas três vertentes do projecto | Um batalhão de **mais de 170 voluntários** levam-no às Pediatrias por todo o país | **8 coordenadores regionais** voluntários e **uma administrativa** apoiam a coordenação nacional | Ainda em **2013** atingimos **5317 crianças** e **5014 adultos**



Nos últimos anos os tempos de internamento têm vindo a diminuir na mesma proporção em que aumentam as altas precoces, por questões económicas, sociais ou outras. Por isso, são cada vez menos as crianças que chegam à sala de actividades, a partir da qual o Dia do Gil foi estruturado e onde em regra se desenrola. Adaptando-nos aos “novos tempos”, temos partido da sala, para os quartos e enfermarias indo ao encontro das crianças que por várias razões não podem vir ao nosso, o que implica um voluntariado cada vez mais motivado e “especializado” na sua missão.

Missão essa que, no Dia do Gil, passa sobretudo por aliviar a tensão vivida durante um internamento, e propiciar que se mantenham os laços com a vida do exterior, abruptamente interrompida por tempo indeterminado. Mesmo que rodeada pelos maiores cuidados de saúde num mundo onde a humanização já é palavra de ordem, mas que não é o seu, a criança hospitalizada perde as suas referências, e a família ganha novas dores, silenciosas...

Existimos para umas e para outras, fortalecendo os laços entre elas e com toda a população hospitalar. E ajudamos, além disso, a que não se desprendam dos “dias normais”, para onde vão regressar depois destes diferentes, mas imperiosos.

A debilidade emocional de uma criança que está, ou que acaba de chegar, a um serviço de Pediatria, contrasta com a sua reconhecida resiliência física. E enquanto os cuidadores do corpo exercem a sua vocação, os voluntários do Dia do Gil vestem

literalmente a camisola de provocadores de estímulos bons, que ajudam a imaginação delas “voar” atrás das palavras, dos sons, dos gestos largos ou contidos, mas sempre em estreitos abraços de cumplicidade, rumo a um mundo de cuidados que, na circunstância, são facilmente relegados para segundo plano.

E são de primeiro. Porque uma criança doente não deixa de ser criança, razão em si mesma suficiente para ajudarmos a fazer a manutenção do seu mundo de fantasia e sonho, de brincadeira, irreverência ou partilha de dor, claro. Aproximamo-nos dela, arrastamos connosco a cumplicidade dos pais e outros cuidadores, e unidos num mesmo objectivo transformamos momentos geralmente traumatizantes, em reacções positivas a momentos construídos com a sua linguagem.



Os livros podem ser pequenos ou grandes, terem só imagens para inventarmos as palavras, uns levam até *pop-ups* para deslumbrar, e com eles construímos uma **Hora do Conto**, carregada de imaginação, de histórias que saídas daquelas páginas, pelos nossos contadores com a ajuda de todos, assumem vida real; e à noite, ou quando bater a dor, a porta está aberta para a chegada do “super-homem” ou da “cat woman” para os “levar dali”;

Não fazemos terapia na **Hora da Música**, mas ajudamos na terapêutica, sem dúvida, porque seja com as cantigas em coro, ou a solo, com os acordes da guitarra e certamente com as maracas e tantos outros instrumentos de percussão, sopro ou cordas, as crianças deixam-se embalar no doce encanto das melodias, numa valsa compassada no colo dos pais, nos braços das educadoras, e até quando distraidamente aceitam que a enfermeira lhe coloque o cateter;



Fascinante é também ver nascer instrumentos de música através de copos de iogurte, que nas mãos de outras crianças com a ajuda de outro voluntário podem resultar em brinquedos muito originais; são actividades que na **Hora da Descoberta**, como nas outras, encontram em cada criança e seu acompanhante uma fonte inesgotável de colaboração e entusiasmo sedento da diferença, que também acontece através da maleta pedagógica de um Museu...

São *ateliers* que neste Dia do Gil à beira dos 10 anos se mantêm firmes contra ventos e marés, todas as semanas, em cada um dos **20 núcleos** – e **foram 990 acções** em 2013. Garantem-no **um batalhão de voluntários** (que se reveza ou reforça em duplas e triplas pelo país), e que nos fizeram chegar a **5317 crianças** e **5014 adultos**, envolvendo-os a todos numa “manta de estímulos bons”.



Para recrutar “sangue novo” e renovar o dos mais antigos, **realizámos 7 formações em 2013**: 4 de Conto (Porto, Coimbra, Funchal e Ponta Delgada), 2 de Música (para as equipas da Madeira e dos Açores) e 1 de Palhaço para juntar novas perspectivas a quem, no Norte, conta histórias, faz música ou quer juntar-se às descobertas. Foram três os experientes formadores, cada um deles garantindo a qualidade e a envolvimento entusiastas.

Num caminho iniciado no ano anterior, em 2013 **investimos de forma mais aturada na sustentabilidade** de um projecto que conheceu, pelo segundo ano, as fragilidades e as virtudes de ser garantido em exclusivo por voluntários, em qualquer dos seis núcleos regionais – no continente ou nos arquipélagos.



Por falar nisso, assinalem-se dois importantes passos dados nos Açores, como consequência do caminho aberto em Ponta Delgada pela presença do Dia do Gil no Hospital do Divino Espírito Santo, há cinco anos: a Fundação do Gil passou a ter uma representante na ilha, e a partir de Setembro que assinamos, todos os meses, uma página no diário “Correio dos Açores”, para divulgação das nossas actividades – e dos agentes a elas ligados.

Nove anos depois, o Dia do Gil vê reflectida a razão do seu percurso, pioneiro, na gargalhada e no entusiasmo de uma criança, no agradecimento de um pai, na comoção de uma mãe, na cumplicidade das educadoras, na partilha dos clínicos que se deixam envolver... Porque cuidar da saúde não se restringe a cuidar do corpo – como é consensual desde que se fala de humanização hospitalar.



“O Dia do Gil ajuda as crianças a esquecerem os constrangimentos do internamento e a ficarem com recordações mais felizes de uma passagem das suas vidas que é sempre traumatizante.”

Dr^a Fernanda Gomes, Diretora do Serviço de Pediatria

Hospital do Divino Espírito Santo/Ponta Delgada